

La administración del limpio y del sucio de / en los cuerpos y mentes de los niños en el Primer Peronismo (1946-1955).

Marcio Fernandes.

Cita:

Marcio Fernandes (2011). *La administración del limpio y del sucio de / en los cuerpos y mentes de los niños en el Primer Peronismo (1946-1955)*. XIII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Humanidades, Universidad Nacional de Catamarca, Catamarca.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-071/237>

XIII Jornadas Interescuelas - Departamentos de Historia
Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Catamarca
10, 11, 12 y 13 de agosto de 2011

Mesa Temática n. 37

El Primer Peronismo: políticas sociales y laborales. Céntricas y extracéntricas, en el centro y en el margen

Coordinadoras

Carolina Barry (Universidad Nacional de Tres de Febrero – CONICET)

Adriana Kindgard (Universidad Nacional de Jujuy – CONICET)

Título

La administración del limpio y del sucio de / en los cuerpos y mentes de los niños en el Primer Peronismo (1946-1955)

Autor

Marcio Fernandes (Universidad Estadual do Centro-Oeste, Brasil)

Documento de Identidad

DNI 106636923 SSP/PR

Correo Electrónico

marciorf@globo.com

Resumen

Bajo el Primer Peronismo (1946-1955), la política de la domesticación de los cuerpos es configurada como una parte fundamental de la estrategia de poder (teniendo en cuenta la opinión de FOUCAULT sobre el tema). Esta ponencia describe el *modus operandi* de la domesticación, y ministra ejemplos principalmente en el universo infantil, ya que los niños configuran una audiencia importante para el Peronismo. El artículo en cuestión tiene un diálogo con autores como DELEUZE, VIGARELLO, TUCHERMAN y GENE, entre otros, cuyos escritos son importantes para se entender los proyectos de controles de los cuerpos al largo del siglo XX. Así, este

documento se centra sobre las estrategias peronistas para desarrollar la administración de la vida de los niños (en especial, de los internados en los hogares-escuelas), como punto de partida para adoctrinamiento de toda la familia, teniendo en cuenta la dualidad *mentes y cuerpos sucios* (algo que no era raro en la Argentina de entonces, ya que se entrelazaban con la miseria económica de la población en una parte considerable de la Nación) y las *mentes y cuerpos limpios* (algo que sería posible, según Perón y Eva, gracias al sistema de protección social que los dos estaban construyendo en esos años del régimen). Los ejemplos de esos tiempos, muchos documentados, están ahí, abiertos a todo tipo de miradas, como el caso de Mario Gregório Rivero. El niño tenía cuatro años cuando fue dejado por los padres en el Hogar-Escuela 15 (San Salvador de Jujuy), una mezcla de escuela regular y internato que se estaba convirtiendo en algo común en Argentina de la década de 1950. A esa edad, Mario había derrotado el sarampión y una crisis de paratoiditis, una enfermedad causada por virus que pueden llegar al sistema nervioso, entre otros acontecimientos en todo el cuerpo. Para aquellos tiempos, ser elegido para vivir y estudiar en uno de los más de 120 Escuelas-Hogares en todo el país era un donación no derivada por Dios (u otra entidad similar, conforme la creencia de cada uno), pero por *San Perón*, como ha denominado PLOTKIN. En la Argentina de entonces, la protección más amplia que un niño podía aspirar no llegaba del cielo, pero de la Casa Rosada. Y el nombre de la divinidad se llamaba Juan Domingo Perón, que estaba tratando de interiorizar en miles de niños la idea de que el Peronismo era su única oportunidad de salvación terrenal.

Planteos problemáticos

Poder foucaultiano; Disciplina; Peronismo; Domesticación del cuerpo

Autorización de publicación

Yo, Marcio Fernandes, DNI 106636923, SSP/PR, professor de la Universidade Estadual do Centro-Oeste/Unicentro/Brasil, manifesto acá la autorización para incluir mi paper en el CD de las **XIII Jornadas Interescuelas - Departamentos de Historia**

A administração do limpo e do sujo dos/nos corpos e mentes das crianças no primeiro Peronismo (1946-1955)

Marcio Fernandes

Manobrar homens é uma técnica, a técnica da condução.
Uma técnica, uma arte, uma precisão militar. A mim,
ensinaram isso na Itália, por volta de 1940:
aquela gente sim sabia mandar

Juan Domingo Perón

O desenvolvimento de uma escola-residência como
esta difere muito de uma escola normal. Devemos ensinar
as matérias do plano básico, mas tendo especial consideração
para com o aspecto social do aluno não somente interno,
mas também de sua família e do ambiente de onde ela procede

*Diretora de uma escola-residência de San
Salvador de Jujuy, Argentina,
quando da inauguração do lugar, em 1950*

Domesticar corpos era uma das especialidades do improvável casal Juan Domingo e Maria Eva Duarte de Perón nos primeiros anos que se seguiram pós-Segunda Guerra Mundial. Era, portanto, uma das molas-mestras do primeiro Peronismo (1946-1955), este incomum movimento político e social que chacoalhou a Argentina na metade do século 20, provocando o perpassamento, como herança, de boa parte de seus ideais a outros governantes daquele país ainda neste começo de século 21. O presente texto discorre sobre as estratégias peronistas para fomentar, em todo o território nacional, a administração da vida de crianças, tendo as escolas-internato como ponto de partida para a doutrinação da família toda, observando-se a dicotomia *mentes e corpos sujos* (que, não raro na Argentina de então, estavam entrelaçados com a miséria econômica das pessoas) e *mentes e corpos limpos* (algo que seria possível, na visão de Perón e Eva, graças ao sistema de proteção social que os dois vinham montando e ofertando naqueles anos). Os exemplos daqueles tempos, todos documentados, estão bem aí, à toda sorte de olhares.

Mário Gregório Rivero tinha quatro anos quando foi deixado pelos pais na Hogar Escuela n. 15, um misto de colégio e internato que estava se tornando frequente na Argentina dos anos 1950. Naquela idade, Mario já havia derrotado o sarampo e uma crise de paratoiditis, uma enfermidade causada por vírus que pode atingir o sistema nervoso, dentre outros desdobramentos pelo corpo. Por aqueles momentos, ser selecionado para residir e estudar em uma das mais de 120 hogares escuelas

espalhadas pelo País era uma dádiva proporcionada não por Deus (ou outro ente similar, conforme a crença de cada um), mas por *San Perón*, como bem adjetivou certa vez o escritor portenho Mariano Plotkin. Ao menos na Argentina de então, a maior proteção que uma criança podia almejar não vinha supostamente dos céus, mas da Casa Rosada, a mítica sede presidencial do País, encravada ao lado da também lendária Praça de Maio, no centro da capital federal, Buenos Aires. E o nome da divindade atendia por Juan Domingo Perón, o presidente da Nação que estava tentando introjetar nos corpos e mentes de milhares de crianças a noção de que somente o Peronismo seria o lastro para sua salvação terrena.

Berno Ramirez igualmente tinha quatro anos em 1950 e era companheiro de Mário. Meses antes de aportar na pomposa Hogar Escuela n. 15, Berno tinha contraído (e sido curado) conjuntivite. Quando passou a frequentar o colégio, carregava consigo uma gripe e a varicela. O pai, Santino, tinha glaucoma e praticamente não enxergava. A mãe, Germana, portadora de hepatite e com problemas cardíacos crônicos, era quem praticamente sustentava a casa, com uma pequena ajuda da filha mais velha, Perpenia (14 anos em 1950), e de uma cunhada, que, acompanhada de seus dois filhos, vivia com os Ramirez em um rancho de lona e madeira de três peças em Los Toldos, distante do centro de San Salvador de Jujuy, cidade a 1,8 mil km de Buenos Aires e onde se situava a Hogar Escuela n. 15.

Na residência dos Ortega (sobrenome do pai de Mario), a situação não era melhor: localizada na distante (em relação à localização da escola) Villa Cuyaya, consistia em um 'rancho de tablas', de 'dos ambientes' e quatro camas, duas mesas, quatro cadeiras e dois roupeiros. Tudo (ou só) isso para Mario, o pai e seus outros quatro filhos, um deles com um grave problema pulmonar, segundo os registros documentais ainda existentes em Jujuy, os quais apontavam também que a mãe havia abandonado o lar no começo de 1950. Até o ano de 1955, quando cai o regime peronista, o controle social/familiar é frequente, pelo que se depreende dos documentos dispostos na Hogar Escuela n. 15.

Tais documentos, mal conservados e mal guardados em uma saleta com pouca ventilação na Hogar Escuela n. 15 (que ainda funciona sob o mesmo regime, atendendo crianças de 6 a 12 anos, mas com outro nome – Colégio José de la Iglesia) indicam que, do segundo semestre de 1950 (quando Mário e Berno ali aportaram) até 1955 (quando da deposição de Perón), a direção da Hogar Escuela e o serviço social argentino monitoravam não apenas os garotos, mas famílias inteiras – e não apenas no tocante ao rendimento escolar de Mário e a participação dos pais no processo. A domesticação dos corpos era uma parcela do processo. Livros didáticos se encarregavam mais um tanto da outra parte – a doutrinação das mentes infantis e adultas -, ao lado dos demais instrumentos do vasto cabedal peronista.

Fichas de controle social às quais o autor do presente artigo de conclusão de disciplina do

Dinter UFRJ/Unicentro teve acesso apontam que os chamados 'visitadores sociais' atuavam amplamente no processo de vigilância familiar. Os documentos (figuras 1 e 2, a título de ilustração) indicam, dentre outros dados, quem na família tinha/teve algum tipo de enfermidade até o instante em que a criança era deixada na escola. A casa da família era visitada ao longo dos meses seguintes e, em outro formulário, eram anotados dados sobre o número de peças do ambiente, tipo de telhado, aspectos da higiene coletiva, qual era o salário mensal do responsável pela família e muito mais.

O caso de Aniceto Flores, 5 anos de idade em 1950, era um tanto mais grave quando chegou à Hogar Escuela n. 15, vindo de Tilcara, a 100 km de Jujuy. Meses antes, o pai, Eulálio, havia assassinado a esposa (e mãe de Aniceto), Ramona. Até ser entregue por familiares ao complexo educacional, Aniceto vinha sendo educado por uma tutora. Os apontamentos existentes no lugar indicam que o dia a dia do garoto era acompanhado com regularidade e, sobretudo, eficiência. Uma ficha de 1954 aponta que neste ano seu pai foi libertado, enquanto outra folha sustenta que, em dado momento, Aniceto havia sido encontrado dentro do colégio portando um pacote de lâminas de barbear e que o setor de Serviço Social argentino havia sido notificado do acontecido. Lâminas de barbear na mão de crianças, portanto, era algo de interesse do Peronismo. Há que ressaltar que há pelo menos 100 prontuários similares ao de Mário, Berno e Aniceto (mal) guardados em uma sala do complexo educativo.

É no mesmo ano de 1954 que começa a frequentar a Hogar Escuela n. 15 o garoto Pedro Condori, 6 anos. Quando colocou os pés pela primeira vez no lugar, dele o Peronismo já sabia que tinha pais (Rufino e Rita) enfermos e avôs tuberculosos. Até aquela idade, Pedro já havia superado sarampo, pneumonia e coqueluche. Sua 'radiografia' indicava que a 'matéria fecal' do menino continha a bactéria *Huevos himenolepis nana*, parasita do intestino humano. O Peronismo também conhecia a casa dos Condori – um rancho de madeira, quase sem mobília, com péssima higiene, sem energia, com piso de terra, duas camas, uma mesa e dois bancos.

Um diagnóstico feito pelo Serviço Social da Nação na moradia dos Condori meses após deixou para a posteridade informações melhores acerca do lugar e da família – agora havia água encanada e luz (providenciadas, claro, pela Nação), mas continuava péssimo o asseio dos residentes e a higiene do ambiente, algo que 'somente se justifica em parte pela ausência da mãe, em viagem há tempos', conforme descrito em determinada ficha. O 'há tempos' era um eufemismo para abandono do lar, como indicado em outro registro.

Pois é neste cenário escolar que se dava um dos mais importantes processos de doutrinação imposta pelo Justicialismo (o outro nome do viés político de Perón), a partir do que Michel FOUCAULT chamou de *normalização*. Por aqueles tempos, as escolas (ao lado de hospitais, asilos e os chamados hotéis de turismo social) eram um dos principais ícones desta normalização, conceito foucaultiano que, segundo CASTRO (2009: 331) sustentava que

A ideia de disciplina ficaria indeterminada se não se insiste no conceito de *normalização*. As instituições disciplinares (o exército, o hospital, a fábrica, a escola) são, com efeito, instâncias de normalização. A repartição, a classificação, a diferenciação e a hierarquização dos indivíduos supõem uma regra que permita cada uma dessas operações

O acervo de 34 cartazes do Instituto Nacional Juan Domingo Perón de Estudios e Investigaciones Históricas, Sociales y Políticas (nome portentoso para a estrutura montada anos atrás pelo governo federal argentino em um também imponente prédio na pacata rua Áustria, 2953, no bairro da Recoleta, Buenos Aires) guarda algumas representações visuais interessantes acerca das crianças. A peça n. 14 (figura 3), por exemplo, mostra uma sorridente primeira-dama Eva Perón cercada de garotos uniformizados, acompanhada de uma das frases preferidas: 'todas as crianças da minha Pátria cabem em meu coração'. Marcela GENÉ (2008: 126) reproduz dois cartazes do final dos anos 1940 que complementam (e mesmo ampliam) o descrito na peça n. 14: no primeiro cartaz (figura 4), antes da entrada do Peronismo na vida infantil argentina, há a imagem de Eva e várias crianças com roupas em mau estado. Constituída a Fundação Eva Perón (destinada à assistência social), a transformação era visível, segundo a propaganda peronista: o cartaz (figura 5) apresenta a primeira-dama sorridente ao lado de vários meninos e meninas devidamente uniformizados. GENÉ (idem: 125) ilustra bem o tema, relatando o ocorrido com crianças do Estado de Santiago del Estero (em tradução livre do autor deste paper):

As crianças santiaguenses foram um emblema das políticas levadas a cabo por Eva Perón (...) O presidente (Perón) e sua esposa em pessoa levaram ajuda e sua mensagem ao Estado mais pobre do País, e não houve um meio de comunicação no qual não se tivesse feito menção a este ato magnânimo. As peças gráficas distribuídas em vias públicas exibiam o 'antes e o depois' da 'mágica' intervenção: alcançadas pela varinha da Fada dos Sonhos, a miséria se transformou em abundância, a enfermidade em saúde e as mazelas em alegrias.

Já no livro *Juan Domingo Perón – uma vida para un pueblo* (2006), organizado pelo referido Instituto, as referências aos feitos do regime em favor dos *niños* são várias. A página 17, ilustra-se, traz fotografias de Perón e Eva cercados de jovens, compartilhando 'momentos de intensa alegria'. Na página seguinte, mais fotos e legendas sobre a transformação que a educação e a proteção infantil vinham sofrendo (para melhor, segundo ali descrito) com o sistema de hogares escuelas. Em outra folha, Eva distribui alfajores (doce típico argentino) e sidra (bebida espumante) para crianças comemorarem Natal e Ano Novo em família.

Ainda no que tange às crianças, o Peronismo atuava simultaneamente em outras frentes,

mais pontuais, menos coletivas, portanto. Em meados de 1953, conta Reynaldo CASTRO (2008: 29), no livro *Con vida los llevaron* (edição em espanhol), Juan Carlos Arroyo, 10 anos, havia escrito uma carta ao presidente Perón, com um pedido. Semanas depois, em um dia qualquer, enquanto brincava em San Pedro, uma localidade nos arredores de San Salvador de Jujuy, uma encomenda chegou à sua casa. No pacote, uma logo grande escrito 'Presidencia de la Nación'. CASTRO (idem) continua (em tradução livre):

Quando o garoto abriu o pacote, seus olhos não podiam acreditar. Até então, Juan e seu amigos jogavam futebol com uma bola de goma. Mas tudo mudaria dali em diante. O General (Perón) havia mandado a esperada bola de couro n. 5. Era como se dissesse parte de um slogan que havia naqueles tempos: Perón cumple!

Marcela GENÉ (ibidem: 117) sustenta que, com atitudes como esta envolvendo Juan Carlos, o Peronismo estava demonstrando o que considerava como uma de suas essências – cuidar da família em todos os aspectos possíveis, ainda que de uma forma lúdica, neste caso enviando uma bola. Diz a autora (idem), em tradução livre:

Estes instantes da vida cotidiana expressavam, mais do que qualquer imagem da propaganda política, a base do Peronismo: o bem-estar das famílias trabalhadoras tendo o Estado protetor ao seu lado, que garantia desde as necessidades básicas – casa, educação, alimentação – até o acesso aos espaços de cultura e recreação

Vale ressaltar que Juan Carlos Arroyo, como outras tantas crianças jujeñas de então, era de uma família bastante pobre, condição que lhe dava, digamos, certa primazia aos olhos peronistas. Um dos livros de registro da Hogar Escuela n. 15, por exemplo, apontava que fundamentalmente eram aceitos no complexo educacional meninos e meninas filhos de 'madres solteras' ou membros de 'famílias indigentes'. Dos 50 primeiros a terem sua matrícula efetivada, nos primeiros meses de 1950, 24 se enquadravam na primeira categoria, por exemplo, conforme apurado pelo autor do presente artigo junto ao catálogo disponível na escola em questão, enquanto outros 10 se encaixavam na segunda condição.

É possível, assim, projetar que o Estado peronista, através do seu sistema de hogares escuelas, intentava atuar como um grande manto protetor da crianças, independentemente da situação de seus pais. Uma análise um tanto mais acurada das 50 fichas acima mencionada permite perceber que, em muitos casos, o pai estava preso, a mãe havia abandonado a família e assim por diante. Em cenários como esses, o Estado é quem estaria apto a garantir a proposição de felicidade

crônica dos *niños*, educando-os, alimentando-os, estimulando ao esporte, fornecendo uniformes, tratando doenças, etc. Disciplinando-os, enfim, a partir de esquadrinhamentos sociais das pessoas, das famílias, dos grupos sociais. Diz FOUCAULT, em *Segurança, território, população* (2008: 74):

A disciplina, é claro, analisa, decompõe, decompõe os indivíduos, os lugares, os tempos, os gestos, os atos, as operações. Ela os decompõe em elementos que são suficientes para percebê-los, de um lado, e modificá-los, de outro

De seu lado, CASTRO (2009: 331) aborda a questão da disciplina foucaultiana como sendo uma forma de poder que “1) é uma arte da distribuição dos indivíduos no espaço; 2) não exerce seu controle diretamente sobre os resultados, mas sobre os procedimentos; 3) implica uma vigilância constante sobre os indivíduos; 4) supõe um registro permanente de dados sobre o indivíduo. FOUCAULT, apud CASTRO (idem), segue:

A disciplina é o conjunto de técnicas em virtude das quais os sistemas de poder têm por objetivo e resultado a singularização dos indivíduos. É o poder da singularização cujo instrumento fundamental é o exame. O exame é a vigilância permanente, classificadora, que permite repartir os indivíduos, julgá-los, avaliá-los, localizá-los e, assim, utilizá-los ao máximo

O pensador francês continua (2008: 75), atestando que a “disciplina classifica os elementos assim identificados em função de objetivos determinados”. No caso argentino, o objetivo-mor era domesticar o gntio para eternizar o Peronismo. Vale ressaltar que a política de docilização e implantação da disciplina encontravam nos corpos um instrumento bastante apropriado para tanto, na medida em que era possível estabelecer com eles uma espécie de *contrato social*. Ieda TUCHERMAN (2004: 19), no livro *Breve história do corpo e de seus monstros*, escreve que:

O corpo pertence ao conjunto de categorias mais persistentes na cultura ocidental. Fundamentalmente porque ele suporta, pela sua aparente evidência, todas as grandes questões que nos configuraram e permitiram que nós nos inventássemos, nos esquecêssemos e nos tornássemos a inventar na categoria mais radical que parecia definir nossa humanidade.

O pensamento de TUCHERMAN corrobora a visão foucaultiana descrita em *História da*

Sexualidade I – A vontade de saber. Ali (1984: 127), o escritor francês sustenta que, a partir da época clássica, o mundo ocidental passou a ver o domínio do corpo como uma das peças fundamentais do exercício do poder. O confisco do corpo, como indica FOUCAULT, tinha as “funções de incitação, de reforço, de controle, de vigilância, de majoração e de administração das forças que lhe são submetidas”.

O manto protetor nas escolas de Perón

No final de 1950, Juan Domingo Perón estava finalizando seu primeiro mandato presidencial e se preparava para disputar novo mandato. Havia um punhado de anos que ele deixara de ser um oficial militar do segundo escalão para se tornar muito mais do que o presidente do País. Era o auto-denominado pai dos pobres, o protetor das crianças e, sobretudo, o messias argentino, cuja única alegada causa maior era 'la causa del pueblo' e cujo maior símbolo residia em 'la bandera de mi patria', como estampado à página 3 de *La Nación Argentina – Justa, libre y soberana*, um catatau de 800 páginas também identificado como primeiro plano quinquenal do então presidente argentino. Não por acaso, portanto, a primeira-dama Eva Perón era taxada como a 'abanderada da Pátria'.

Ao se apresentar assim – e instituir o programa das hogares escuelas, com sua alimentação diária farta e oferta de uniformes alvíssimos, além do monitoramento social e econômico dos familiares das crianças ali instaladas -, Perón parecia disposto a incrementar a cristalização de um processo de depuração de corpos e mentes na sociedade argentina de então (representada pelos adultos) e do futuro (crianças e adolescentes). A higiene dos corpos e das mentes, enfim, era um dos mastros do Peronismo já em uma segunda fase, por passar a abarcar um público para além dos *niños*.

Georges VIGARELLO (1991: 210) ensina que, até o século 19, o sentido mais usual de higiene no mundo se relacionava com a conservação da saúde. Ao longo das décadas seguintes, o entendimento geral vai se alterando, a ponto de ir ao encontro da visão aplicada pelo Peronismo, para quem, conforme referido anteriormente, a escola era o eixo inicial da vasta rede que era possível construir. Continua o autor (idem), em tradução livre:

Há uma palavra que, em princípios do século 19, ocupa um lugar inédito: higiene. Os manuais que tratam da saúde vão se modificando. Até então, todos estavam concentrados na 'manutenção' ou na 'conservação' da saúde. Agora, não há mais que tratados ou manuais de 'higiene' (...) A higiene já não é mais o adjetivo que qualifica a saúde, senão que o conjunto dos dispositivos e dos conhecimentos que

favorecem sua manutenção (...) A higiene é um rol de conhecimentos e não mais um qualificativo físico.

Em um cenário assim, é possível admitir que o Peronismo estava administrando o que se pode denominar de cultura da pobreza, demonstrada pelos vastos tentáculos dos *visitadores sociais*. VIGARELLO (ibid: 240) chama isso de 'pastoral da miséria', na qual “a limpeza do pobre se converte em garantia de moralidade que, por sua vez, é garantia de ordem”. De outra parte, publicizar esta cultura da pobreza se relaciona com o que Gilles DELEUZE (1996: p. ?) taxa de *curvas de visibilidade*: no cenário peronista, era necessário dar ao conhecimento geral a existência da criança esfomeada e do ancião abandonado, só para citar duas possibilidades. A partir daí, as peças propagandísticas peronistas se caracterizavam como as *curvas de enunciação* tratadas por DELEUZE, o qual considerava estas duas classificações como parte de um dispositivo destinado a dar sustentáculo à já mencionada *ordem*, ordem essa que deveria soar natural à sociedade argentina, configurando, por fim, o que DELEUZE caracteriza como *linha de força*. Ainda sobre a ordem, cabe dizer neste caso, a mesma se relacionava à visão de poder que o Peronismo tentava incutir com firmeza na sociedade portenha. E este modus operandi de Poder se relacionava ao modo foucaultiano de dominação.

Interessado durante muitos anos por aquilo que chamou de *genealogia do poder*, FOUCAULT analisou dispositivos de controle nas sociedades disciplinares, em segmentos como estabelecimentos prisionais, indústrias e instituições educacionais, só para citar três exemplos ligados à já citada *normalização*. Ele entendia que o Poder, fundamentalmente, estava sempre circulando e que, portanto, não ficava restrito apenas à esfera política, senão que permeava o cotidiano da vida humana em seus diversos níveis. O Poder, para ele, era um instrumento do qual se lançava mão para a consecução das relações sociais à base da sinestesia, mando, domesticação e obediência, de modo a fomentar a visão de que a Argentina havia se transformado em uma Nação sem males em pouquíssimos anos. O surgimento e circulação de *La Nación...* vai de encontro a todas estas características de domesticação, na qual a felicidade parece ser vista pelo regime peronista como um dever devidamente incitado e moldado nas crianças e nas famílias, só para citar duas categorias de personagens tão caras a Perón naqueles tempos.

Diversas são as imagens que mostram a condição de miséria mental e econômica da família argentina antes de Perón e a nova condição, de grupo feliz e com alguma chance de prosperidade econômica no decorrer da fase justicialista. A ilustração (Figura 6) da página 148 é sintomática: na metade superior da cena, o desenho de uma fábrica em franca produção é secundado pela legenda que diz “em meio à opulência da pródiga terra argentina, havia (até 1946) pobreza entre muitos trabalhadores rurais, enquanto alguns especuladores enriqueciam”. A metade inferior da página

introduz o que seria um dos resumos da família peronista rural: pai, mãe, filho pequeno e um cachorro. A paisagem pintada sugere que eles ainda residem em uma casa de adobe e telhado de palha, mas suas roupas, por exemplo, estão bem alinhadas e novas, algo bem distinto dos farrapos que supostamente predominavam na Argentina pré-Perón.

A família domesticada reaparece na página 195 de *La Nación*.... Desta vez, a visão que se oferece ao interlocutor da obra é a de que, até 1943, os rincões da Argentina estavam abandonados do ponto de vista social-econômico, ainda que fossem regiões razoavelmente povoadas. Sob o manto peronista, com o programa Células Mínimas, era possível ter auxílio para obter colocação no mercado de trabalho, para internar as crianças nas hogares escuelas, para conseguir assistência nos hospitais femininos e para ser recapacitado a retornar ao mercado de trabalho.

Apontamentos para uma conclusão um tanto aberta

O Peronismo, a exemplo de outros movimentos como o Vargasismo brasileiro e o Salazarismo português (ambos imediatamente anteriores a Perón), pode ser interpretado como um regime que navegava entre a Democracia e o Autoritarismo, com forte inclinação para uma política populista e tentando ser, como bem cita Maria Helena CAPELATO (2009: 51), reproduzindo visão de Dominique PÉLASSY, um sistema devidamente inclinado a persuadir e a sujeitar, conforme a ocasião e através de mídias próprias, de modo a garantir a imposição de suas ideias em todos os campos possíveis – a educação como sendo um dos principais. Assim escreveu Juan José SEBRELLI (2000: 101), em tradução livre:

A propaganda permanente, obsessiva, através de todos os meios, característica do Totalitarismo, abarcava também a educação pública, doutrinando crianças com textos escolares similares aos usados em regimes fascistas e stalinistas. A contrapartida disso era a interdição de toda opinião dissidente

Em um cenário assim, a referida imposição podia se dar de dois modos peculiares – pelos Aparelhos Ideológicos do Estado ou pelos Aparelhos Repressivos do Estado, segundo uma definição de Louis ALTHUSSER, líder de uma geração de pensadores franceses nos anos 60 (GREGOLIN, 2004: 43). O Peronismo, em sua fase áurea (que vai de 1946 a 1955, quando o presidente é deposto, excetuando-se, portanto, o segundo Peronismo, que abarca 1973 e 1974), esteve centrado nos Aparelhos Ideológicos (escolas-residências para crianças, espaços de veraneio,

etc), fazendo prevalecer no período o que Foucault chamou de 'poder disciplinar', aquele que exerce uma força sobre os corpos, gerando uma espécie de utopia-programa, um diagrama-prisão, uma instituição que vê tudo sem ser vista. Uma força benthamiana (de Jeremy Bentham, o criador do Panóptico), enfim, cujo resultado final seria a felicidade calculada.

Perón queria, enfim, que as forças de resistência fossem minadas, ainda que, também para Foucault, poder e resistências sejam indissociáveis, algo que Gilles DELEUZE (FOUCAULT, 2009: 70) compartilhava, ao sustentar que “nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro”. O mesmo DELEUZE, no prefácio que assina no livro *A anomalia selvagem – poder e potência em Spinoza*, de Antonio NEGRI (1993: 7), lembrando preceitos de Hobbes, Rousseau e Hegel, escreve que “o horizonte é inseparável de uma crise, de uma guerra ou de um antagonismo, de que o Poder se apresenta como a solução, mas a 'solução antagonista’”.

Casualmente ou não, a assunção de Juan Domingo Perón como líder máximo da Nação argentina se deu a partir de 1943, quando ele (um tenente-coronel) e diversos outros militares derrubaram o vice-presidente democraticamente eleito Ramón Castillo, por alegada desorientação geral da política e da economia do País. À época, Castillo ocupava interinamente o posto de presidente, em substituição a Ricardo Marcelino Ortiz, adoentado.

Alguns anos depois de ter se tornado o líder inconteste das massas de uma nação toda, Perón investe de fato e prolongadamente na domesticação de grupos sociais utilizando diversos modos, através dos sistemas classificatórios. No mesmo livro *La Nación Argentina...*, percebe-se essa predileção peronista pelo exame e classificação dos indivíduos, de modo que tais técnicas contribuíssem para a disseminação do conceito central de que, naqueles tempos, a Argentina era um lugar idílico, uma Nação sem males. Toby MILLER (2010: 106), citando George ORWELL, diz que “o destino das 'pessoas modernas’ é serem “numeradas, etiquetadas, arroladas, co-ordenadas”. Para o regime peronista, a Nação sem males somente poderia ser construída a partir de preceitos como este de Orwell.

O conteúdo disposto entre as páginas 213 e 215 de *La Nación...* indica que, sob o Peronismo, crianças no Noroeste do país – da região de Santiago del Estero, um lugar tido como miserável à época, conforme indicado anteriormente no presente paper – passaram a ser melhor cuidadas e classificadas, com o Estado recuperando/tratando de sua higiene corporal e mental, inserindo-as na sociedade portenha (o que incluía levá-las a passeios em Buenos Aires e na cidade litorânea de Mar del Plata). O resultado? “Em pouco tempo desde sua chegada, era possível observar em seus rostos as mudanças ocorridas: agora, alegria de viver, sorrisos amplos, desejos de estudar e de ser algo, contrastando com seus rostos de antes, desolados prematuramente que eram pela miséria e pela fome (tradução livre)”, conforme o disposto verbal na página 214, verbo esse

devidamente acompanhado de seu homônimo imagético – as ilustrações criadas pelo artista plástico Amletto Blas Scarzello e seus companheiros de desenho, todos integrantes da poderosa Subsecretaria de Informaciones. Em última instância, é possível afirmar, o Peronismo também estava formando uma plateia que, na fase adulta, se pretendia ter como dócil e útil ao regime.

E essa plateia, é possível afirmar, estava sendo ordenada dentro dos preceitos foucaultianos de *biopolítica*, essa interessante visão de mundo que, para FOUCAULT ganhou força a partir do século 17 e que consistia em um “investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e sua gestão distributiva de suas forças”(idem: 133). Para o pensador francês, a biopolítica tinha dois polos – no primeiro deles (ibid: 131), o corpo era visto como uma máquina, que necessitava/devia ser adestrado, ampliado em suas aptidões e ter “crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade (com) sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos”. No tocante ao segundo eixo (desenvolvido no século 18), o mesmo se caracterizava, dentre outros itens, pelo monitoramento da longevidade e do nível de saúde – dois itens fundamentais da estratégia peronista para os idosos (*mayores*, em espanhol) argentinos. A biopolítica, essa grande tecnologia de duas faces, como escreveu FOUCAULT (ibid), investia maciçamente “sobre a vida, de acima a abaixo”.

No caso de Perón, e seu projeto de *argentine way of life*, o administrar a vida de acima a abaixo era uma demanda exclusiva do Estado. Mario Rivero, Berno Ramirez, Juan Carlos Arroyo, Aniceto Flores e Pedro Condori que o digam, assim como Félix Burgos (6 anos em 1952), Rina Parraga (7 anos em 1952), Ana Flores Tomasa (3 anos em 1952) e outras tantas crianças cujos registros de partes importantes de suas infâncias estão depositados há quase 60 anos no agora pacato Colégio José de la Iglesia, um prédio branco na avenida Espanha, em San Salvador de Jujuy, em cuja entrada principal também repousam dois bustos emblemáticos do primórdios do lugar – de Juan Domingos e Maria Eva Duarte de Perón.

Anexos

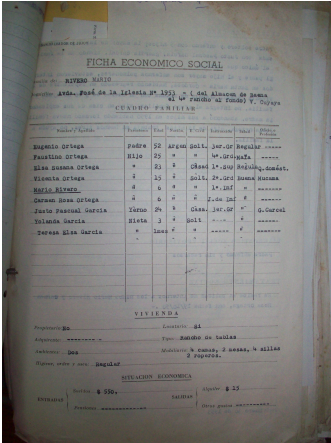


Figura 1



Figura 2



Figura 3

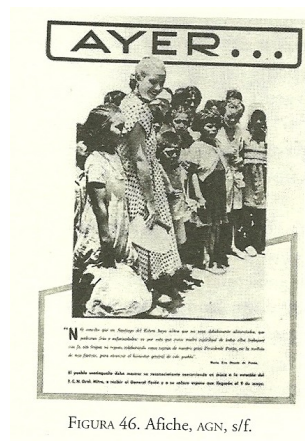


FIGURA 46. Afiche, AGN, s/f.

Figura 4

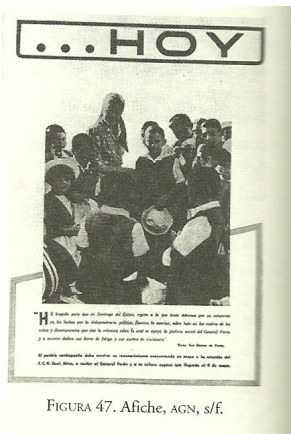


FIGURA 47. Afiche, AGN, s/f.

Figura 5



Figura 6

Referências bibliográficas

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**: propaganda política no Varguismo e no Peronismo. Bauru: Editora Unesp, 2009.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTRO, Reynaldo. **Con vida los llevaron** – memorias de madres y familiares de detenidos-desaparecidos de San Salvador de Jujuy, Argentina. San Salvador de Jujuy: EdiUnju, 2008.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Vegas, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I** – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

_____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE FILHO, João (org). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV/Globo Universidade, 2010.

GENÉ, Marcela. **Un mundo feliz**: imágenes de los trabajadores en el primer Peronismo (1946-1955). Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso** – diálogos & duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

INSTITUTO NACIONAL JUAN DOMINGO PERÓN DE ESTUDIOS E INVESTIGACIONES HISTÓRICAS, SOCIALES Y POLÍTICAS. **Juan Domingo Perón, uma vida para un pueblo**. Buenos Aires: CulturaNación, 2006.

NEGRI, Antonio. **A anomalia selvagem** – poder e potência em Spinoza. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

SEBRELLI, Juan José. **Los deseos imaginários del Peronismo**. Buenos Aires: Sudamericana,

2000.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Vegas, 2004.

VIGARELLO, Georges. **Lo limpio y lo sucio** – la higiene del cuerpo desde la Edad Media. Madrid: Alianza Editorial, 1991.